

## **Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – Pur/ippur**

### **COLONIALIDADE DO SABER URBANO**

Professores: Agustin Lao-Monte (University of Massachusetts at Amherst), Carlos Vainer, Giselle Tanaka, Regis Coli, Renato Emerson (Professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/UFRJ), Sonia Maria Giacomini (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/PUC-Rio), Flavia Braga Vieira (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/UFRRJ), Javier Ghibaudi (Programa de Pós-Graduação em Economia/UFF), Fernanda Sánchez (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFF), Fabrina Furtado (Departamento Desenvolvimento Agrícola e Sociedade/UFRRJ), Simone Poli (Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Governança Pública/UTFPR).

Contaremos também com a participação das Profas. Ana Fernandes (FAU/UFBA) e Raquel Rolnik (FAU/USP) em algumas sessões.

Período: 2020 – 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> bimestres/2o semestre – 28/08/2020 a 11/12/2020

Horário: 6<sup>as</sup> feiras, de 9:00 às 12:00 h

**As aulas serão remotas e síncronas, através da Plataforma Zoom.**

### **APRESENTAÇÃO**

Desde que as Américas ingressaram na História com H maiúsculo, isto é, na História Ocidental, nossas cidades e territórios passaram a ser concebidos, projetados, desenhados e construídos segundo moldes importados. Os poderes coloniais construíram (suas) cidades e territórios, seja instaurando novos espaços, seja subjugando e subalternizando os espaços pré-coloniais. Não bastava conquistar o “novo” continente, era necessário territorializar (e urbanizar) a colônia, isto é, territorializar a relação colonial. Com o ocaso das metrópoles ibéricas e dos Códigos Manuelino (D. Manuel, rei de Portugal) e Filipino (Filipe II, rei de Espanha e de Portugal), impuseram-se progressivamente os estilos dos arquitetos e paisagistas franceses. No século XIX, missões francesas desenharam e construíram mansões e jardins que vieram embelezar a capital brasileira do escravismo colonial. Na segunda metade do século XIX, o higienismo e a reforma haussmanniana forneceram o modelo da modernização que arrasou os velhos bairros insalubres do centro da capital e rasgou o tecido urbano com os largos bulevares da cidade higiênica, disciplinar e disciplinada. Na virada para o século XX também desembarcaram aqui as cidades jardins e as *company towns* (vilas operárias), para apoiar o enquadramento das primeiras hostes operárias, muitas vezes feitas quase apenas de imigrantes, que sustentaram o passo inaugural de nosso industrialismo periférico e dependente.

As cidades europeias e, mais tarde, dos Estados Unidos da América, afirmam-se como modelos universais de urbanização e territorialização, polos exportadores de concepções, conceitos, planos e práticas de produção e uso dos espaços. Ao fim da II Guerra Mundial, o estado planejador, validado pelo Consenso Keynesiano, terá papel decisivo na adoção de modelos importados: a Tennessee Valley Authority (TVA) inspirou a Companhia do Vale do São Francisco e a

Superintendência de Valorização do Vale Amazônico; nos anos 1960, a Cassa per il Mezzogiorno serviu de exemplo para as políticas de incentivos fiscais ao desenvolvimento regional nordestino; na década de 1970, as teses de François Perroux estiveram presentes nos programas de desenvolvimento da ditadura militar, enquanto os consultores do Banco Mundial difundiam por toda a América Latina as virtudes das cidades médias.

Os consultores internacionais dos séculos XX e XXI são os herdeiros e continuadores das missões do século XIX e dos colonizadores dos séculos XVI a XVIII. Agora sob a bandeira do consenso neo-liberal, estamos na era do planejamento estratégico, da cidade (região) corporativa e competitiva, dos grandes projetos (urbanos ou de desenvolvimento regional) e das parcerias público-privadas, da privatização dos serviços públicos, dos *waterfronts*, dos megaeventos, das “revitalizações urbanas”. O cardápio parece variado, mas serve sempre o mesmo prato: *market friendly planning*, *market oriented planning*, a democracia direta do capital e a cidade de exceção. Universidades e congressos internacionais se transformaram em *loci* de disseminação dos manuais com as *best practices*, vade-mécum dos planejadores nas periferias. A colonialidade, mais que o colonialismo propriamente dito, está fundada não apenas na conquista e controle dos territórios, mas na colonização do imaginário. É o imaginário urbano que configura, hoje, a colonialidade do pensamento urbano, do urbanismo e do planejamento urbano.

O curso tem por objetivo buscar na rica literatura sobre a colonialidade do saber e do poder elementos teóricos, conceituais e históricos que fundamentem a crítica do pensamento e das políticas urbanas/territoriais (universais) dominantes. Trata-se, também, com base nessa crítica, de pensar as condições de descolonização do pensamento social e, em particular, do pensamento, explorando as possibilidades de imaginar novas cidades e territórios emancipados e emancipatórios na e a partir das cidades, da crítica teórica e das lutas que se desenvolvem nas cidades dos países periféricos e dependentes.

#### Observações:

- a) Esta disciplina vinha sendo oferecida no 1º semestre, com turmas presenciais e estudantes conectados remotamente por vídeo conferência. Foi interrompida em virtude da suspensão das atividades acadêmicas por causa da pandemia. Sua retomada no 2º semestre se fará em conformidade com as orientações dos vários programas, o que quer dizer que a suspensão das turmas presenciais tem caráter excepcional. Os professores responsáveis manifestam sua convicção de que a Universidade vive do encontro presencial, da sociabilidade e das trocas interpessoais, e que aulas remotas síncronas e outras formas de ensino somente devem realizar-se em caráter complementar e excepcional.
- b) As aulas e intervenções do Prof. Agustin Lao-Montes serão em portunhol.
- c) Esta disciplina é resultado da cooperação entre vários programas de graduação de diferentes universidades.
- d) As aulas ocorrerão em sessões remotas síncronas em plataforma Zoom. Indispensável a pontualidade para o início e fim de cada sessão. As instruções para conexão serão enviadas enviadas 1 hora antes do início.
- e) Os estudantes externos aos programas co-promotores que desejarem se inscrever poderão fazê-lo no IPPUR através de preenchimento do formulário de inscrição, que lhes será enviado mediante

solicitação. O interessados devem entrar em contato com a Secretaria de Ensino do IPPUR – [secretariaensino@ippur.ufrj.br](mailto:secretariaensino@ippur.ufrj.br)

---

---

## PROGRAMA

### **1ª sessão (6ª feira, 28/08/2020): A Universidade em Tempos de Crise: Desafios e Perspectivas da Vida Universitária**

- ❖ Apresentação do curso
- ❖ Discussão sobre os impactos da pandemia e da crise sanitária, econômica e política no ensino e na vida universitárias.

#### *Leituras obrigatórias*

Agamben, Giorgio. “Réquiem para os estudantes”. In: Textos para Discussão 1, Universidade da Cidadania Resiste (Original: Diário della Crise, 23, Maggio, 2020; *Istituto Italiano per gli Studi Filosofici*. Extraído de <https://www.iisf.it/index.php/attivita/pubblicazioni-e-archivi/diario-della-crisi/giorgio-agamben-requiem-per-gli-studenti.html>, acesso em 27/05/2020.

Fornaro, Sotera. “Agamben e o Réquiem para os estudantes”. In Textos para Discussão 2, Universidade da Cidadania Resiste (Original: Diário della Crisi, Maggio, 25, 220. Instituto per gli Studi Filosofici. Extraído de <https://www.iisf.it/index.php/attivita/pubblicazioni-e-archivi/diario-della-crisi/sotera-fornaro-agamben-e-il-requiem-per-l-universita.html>)

Milman, Perola. Carta ao Programa de Pós-Graduação em Dispositivos Quânticos, Universidade de Paris). In Textos para Discussão 3, Universidade da Cidadania.

Oficina de Pesquisadores pela Desexcelência das Universidades. Manifesto “Não ao retorno remoto às aulas na Universidade Livre de Bruxelas”. In Textos para Discussão IV, Universidade da Cidadania Resiste (Extraído de <http://encourspasenligne.be/> acessado em 11/06/2020.

### **2ª sessão (6ª feira, 04/09/2020): A colonialidade do pensamento sociológico I**

A sociologia integra, a partir do século XIX, o empreendimento moderno de uniformização capitalista da vida. Ao longo do século XX, o projeto inicial de ordenamento da vida, a partir de uma “ciência do social”, acabou por se diluir em muitos paradigmas analíticos, sem que uma autocrítica radical sobre métodos e lugares de enunciação desta disciplina tenha sido feita. Particularmente, chama a atenção que a sociologia produzida no centro seja denominada “teoria” e aquela produzida em sociedades periféricas seja classificada como “pensamento social”. Esta sessão irá discutir, desde autores periféricos, possibilidades, limites e desafios de movimentos emergentes na sociologia.

#### *Leituras obrigatórias*

Alatas, Syed Farid. Academic Dependency and the Global Division of Labour in the Social Science. *Current Sociology*, 51 (6): 599-613, 2003.

Casanova, P. G. Colonialismo interno (uma redefinição). BORON, AA; AMADEO, J.; GONZÁLEZ (Org.). *A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, p.395-420, 2006.

Connel, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27, n. 80, p. 09-20, 2012.

Mignolo, Walter. Spirit out of bounds return to the East: the closing of the social sciences and the opening of independent thoughts. *Current Sociology*, 62 (4): 584-602, 2014.

Patel, Sujata. Afterword: doing global sociology, issues problems and challenges. *Current Sociology*, 62 (4): 603-613, 2014.

Rosa, Marcelo. Sociologias do Sul: Ensaio bibliográfico sobre limites e perspectivas de um campo emergente. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14 n. 1, p. 43-65, 2014.

#### *Leituras recomendadas*

Adesina, J. Sociology and Yorùbá Studies: epistemic intervention or doing sociology in the 'vernacular'? *African Sociological Review*, 6 (1), 2002.

Alatas, S. F. Intellectual imperialism. Definitions, traits and problems. *Southeast Asian Journal of Social Sciences*, 28 (1): 23-45, 2000.

Butler, K. (Re)presenting indigeneity: The possibilities of Australian sociology. *Journal of Sociology*, 42: 369-381, 2006.

Comaroff, J., & Comaroff, J. L. Theory from the South: Or, how Euro-America is Evolving Toward Africa. *Anthropological Forum*, 22(2): 113–131, 2012.

Connel, R. *Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science*. Cambridge: Polity, 2007. (Introdução)

Sitas, Ari. Rethinking Africa's sociological Project. *Current Sociology*, 62 (4): 457-471, 2014.

### **3ª sessão (6ª feira, 11/09/2020): A colonialidade do pensamento sociológico II**

Esta sessão enfocará a questão da descolonização da teoria e da esquisa social a partir de dois ângulos. De um lado, dar-se-á continuidade à discussão da sessão anterior no que diz respeito a repensar a história da sociologia com um campo importante no surgimento da formação epistêmica que Immanuel Wallerstein chamou de "paradigma do século XIX" nas ciências sociais, um empreendimento de natureza imperial. De outro lado, será feita uma rápida revisão de diferentes iniciativas que poderíamos denominar de elaborações de uma sociologia crítica de corte decolonial, o que implica tanto a descolonização da sociologia (uma espécie de crítica negativa), como elaborações de uma modalidade decolonial da teoria social e da investigação sociológica com rática de liberação.

Propõe-se que esta sociologia crítica, alternativa, tem uma já longa história, que tem um marco em W.E.B. Du Bois, um dos primeiros doutores em Sociologia nos Estados Unidos, que teve relações com Max Weber e com a Escola de Sociologia Histórica Alemã, mais além de ter sido pioneiro do Marxismo Negro. Essa releitura da história da sociologia estadunidenses começará com um resgate e valorização de Du Bois como sociólogo. Além disso, extrairemos de um artigo de R.W. Connell elementos para uma visão crítica da construção do cânone. Ao final, buscar-se-á estabelecer um diálogo sobre várias perspectivas que podem contribuir para a elaboração de uma nova teoria, metodologia e pesquisa social em "chave sul".

### *Leituras obrigatórias*

Lao-Montes, Agustín & Vasquez, Jorge Daniel (2018). "Crítica Decolonial de la Filosofía y Doble Crítica en Clave Sur." En Mabel Morana, Ed. "Sujeto, Descolonización, Modernidad: Debates Filosóficos Latinoamericanos." Editorial Iberoamericana Verbuert.

Wallerstein, Immanuel. "El Legado de la Sociología, la Promesa de la Ciencia Social". (enviaremos versión electrónica)

Boatca, Manuela; Costa, Sergio (2010). "Postcolonial Sociology: A Research Agenda" in Encarnación Gutiérrez Rodríguez, Manuela Boatca & Sergio Costa, Ed. Decolonizing European Sociology: Transdisciplinary Approaches. Ashgate Publishers.

### *Leituras Recomendadas*

Lao-Montes, Agustín; Morais de Goes, Juliana; Vasquez, Jorge Daniel. "Du Bois on Latin America and the Caribbean: Trans-American Pan-Africanism and Global Sociology" (State University of New York Press, a ser publicado en 2021). Introduction & Capítulo sobre Brasil- (escrito por Juliana Morais de Goes).

Connell, R.W. "Why is Classical Theory Classical?" The American Journal of Sociology, Vol. 102, No. 6. (May, 1997), pp. 1511-1557

Boatca, Manuela (2009). "Desigualdad Social Reconsiderada- Descubriendo Puntos Ciegos a Través de Vistas desde Abajo." Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.11: 115-140, julio-diciembre 2009.

Morris, Aldon (2017). "The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology." (University of California Press)

Itzigsohn, Jose; Brown, Karida L. (2019). "The Sociology of W.E.B. Du Bois. Racialized Modernity and the Global Color Line." (New York University Press)

Go, Julian (2016). "Postcolonial Thought and Social Theory." (Oxford University Press)

Santos, Boaventura de Sousa (2018). "The End of the Cognitive Empire: The Coming of Age of Epistemologies of the South." (Duke University Press)

### **4ª sessão (6ª feira, 18/09/2020): A Colonialidade do Pensamento Geográfico**

Historicamente a Geografia, enquanto saber prático e ferramenta de construção e controle de visões de mundo, foi uma disciplina a serviço das forças hegemônicas (em diferentes escalas) nos projetos de modernidade/colonialidade. A partir de um olhar sobre a formação da Geografia Brasileira, propõe-se uma crítica decolonial, buscando compreender como sujeitos epistêmicos outros (negros, indígenas, grupos agora chamados de "tradicionais", entre outros) são subalternizados, destituídos de possibilidade de participação e reconhecimento enquanto protagonistas em processos de transformação que caracterizam um "branqueamento do território".

### *Leituras obrigatórias*

Cruz, Valter do Carmo. Geografia e pensamento decolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: Cruz & Oliveira, D. A. (Orgs.). Geografia e giro

decolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento. Rio de Janeiro : Letra Capital, 2017.

Deffontaines, Pierre. Geografia Humana do Brasil. Rio de Janeiro, 1940.

Deffontaines, Pierre. Ensaio de divisões regionais e estudo de uma civilização pioneira: O Estado do Espírito Santo. In: *Boletim Geográfico*, Ano 2 (19), outubro, 1944.

#### *Leituras recomendadas*

Monbeig, Pierre. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

Massey, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: *Geographia*. Niterói-RJ: Ano VI, n. 12, 2004.

#### **5ª sessão (6ª feira, 25/09/2020): Colonialidade e meio ambiente na América Latina: da natureza colonizada às lutas em defesa do território-corpo-terra**

O objetivo dessa sessão é analisar a construção social da noção de natureza e da relação sociedade e natureza nas ciências sociais, considerando as marcas estruturais das sociedades latino-americanas, em particular a situação persistente de colonialidade, a exploração e expropriação de territórios, povos e saberes, e os enfrentamentos de grupos sociais portadores de práticas espaciais, e portanto sociais, não mercantis, que operam suas interações com processos biofísicos. Trabalharemos conceitos como natureza colonizada, modernização ecológica, justiça e racismo ambiental, antropoceno, além de debater o ambiente da crítica a partir de teorias decoloniais como a noção de território-corpo-terra. Partiremos da perspectiva de que há uma colonialidade na apropriação da natureza, tanto na forma de construir a noção e de portanto, explorar o meio ambiente, como na expropriação de territórios.

#### *Leituras obrigatórias*

Acosta, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Lieterária, Elefante, 2017. Capítulo 2. O Bem Viver, uma proposta global; e capítulo 6. O Bem Viver e os Direitos da Natureza.

Acsehrad, Henri. O Ambiente da Crítica e a Crítica do Ambiente. *Antropolítica*, n. 36, 2014.

Alimonda, Héctor. La colonialidad de la naturaleza. In: ALIMONDA, Héctor. La naturaleza colonizada. Ed. Ciccus, 2011. p. 11-20.

Cabnal, Lorena. Feminismo diversos: El Feminismo Comunitario. ACSUR: Las segovias, 2010. Disponível em: <http://www.calameo.com/books/002488953253b6850c481>.

Escobar, Arturo. Epistemologias de la naturaleza y colonialidad de la naturaleza. In: MARTÍNEZ, Leonardo M. (Ed.). Cultura y naturaleza. Bogotá, Jardín Botánico de Bogotá, 2011. pp. 49-74.

#### *Leituras recomendadas*

Escobar, Arturo. Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes. Popayán Enviñón Editores, 2010.

Hardin, Garret. The Tragedy of Commons. *Science*, v. 162, 1968, p. 1243-1248

Lenoble, Robert. História da idéia de natureza. Lisboa: Edições 70, 1990.

Leroy, Jean Pierre. Mercado ou Bens Comuns: o papel dos povos indígenas, comunidades tradicionais e setores do campesinato diante da crise ambiental. Rio de Janeiro: FASE, 2016.

Paredes, Julieta. Hilando Fino: desde el feminismo comunitario. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2008.

Sahlins, Marshall. A Primeira Sociedade de Afluência. In Carvalho, E. A. (org.) Antropologia Econômica. SP: Livraria Ciências Humanas, pp. 7-44, 1974.

### **6ª sessão (6ª feira, 02/10/2020): A colonialidade e o pensamento sobre a questão de gênero**

Desenvolvimento da noção de colonialidade de gênero. As contribuições de Segato e de Lugones para a descolonização do gênero. As formulações do “locus fraturado” e de uma pedagogia decolonial. A imersão de Segato no universo religioso do Xangô no Recife como um exercício de interpretação decolonial.

#### *Leituras obrigatórias*

Segato, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico decolonial. In: e-cadernos ces, 18 (2012), Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical; pp.105-131 < 26p.>

. Segato, Rita Laura. “Inventando a natureza. Família, sexo e gênero no Xangô do Recife”. In: Santos e Daimones. O Politeísmo Afro-Brasileiro e a Tradição Arquetipal. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995, pp. 11-54. <43p.>

Lugones, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3), 320, setembro-dezembro, 2014. pp.935-952. < 17p.>

Lugones, Maria. “Mujeres blancas buscando salvar a mujeres color café”. Desigualdad, colonialismo jurídico y feminismo postcolonial. In: *Andamios*, Vol.8, nº 17, sept-diciembre 2011, pp.61-89. < 28p.>

Karina Bidaseca • Escritos en los cuerpos racializados. Lenguas, memoria y genealogías (pos)coloniales del feminicidio en América Latina; Asociación Latinoamericana de Sociología; Controversias y Concurrencias Latinoamericanas; 6; 9; 4-2014; pp.41-66 < 25p.>

Gonzalez, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, pp.223-244. <21p>

#### *Leituras recomendadas*

Mahmood, Saba . “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”. In: *Etnográfica*, vol. x, nº 1, maio, Lisboa, Centro de Estudos de Antropologia Social (ceas)-Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (iscte), 2006, pp. 121-158 . < 37p.>



Abu-Lughod, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20 (2):251, maio-agosto, 2012, p. 451-470 . < 19p >

Patricia Hill Collins. “Se perdeu na tradução: feminismo negro, inetrseccionalidade e política emancipatória. In: *Parágrafo*, jan/jun. 2017, V,5, n.1, pp.6-17 <11p.>

### **7ª sessão (6ª feira, 09/10/2020): Colonialidade e Questão Étnico-Racial: Implicações para a questão urbana**

Nessa sessão se estudará e debaterá um dos temas centrais da perspectiva decolonial: a questão racial, fundamental para analisar as formações geo-históricas, formas políticas e categoria chaves da modernidade-colonialidade. Um objetivo e desafio criativo da sessão será analisar as implicações para a teorização e investigação da questão urbana.

#### *Leituras obrigatórias*

Lao-Montes, Agustin. “Para una Analitica de Formaciones Etnico-Raciales, Regimenes Racistas, & Politicas Raciales. In: *Contrapunteos Diasporicos. Cartografias Politicas de Nuestra Afroamerica*. Editorial Universidad del Externado: Bogota, Colombia, cap. 2, pp.

Lao-Montes, Agustin. *Metrópolis Negras de Benin a Río de Janeiro y de Harlem a La Habana: Modernidades Afroamericanas y Cosmopolitismos Subalternos*. (Conferencia Magistral, Casa de las Americas, La Habana, Cuba, Junio 2019).

### **8ª sessão (6ª feira, 16/10/2020): A colonialidade e o pensamento sobre a questão racial na América Latina**

A questão racial pensada a partir das formulações de diáspora negra. As diferentes abordagens da diáspora negra, suas matrizes e desdobramentos.

#### *Leituras obrigatórias*

Hall, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. Capítulo: Pensando a diáspora. pp. 25-49.

Gilroy, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002. Capítulos: 1o. “O Atlantico Negro como contracultura da modernidade” (pag. 33-100) e 2o. “Senhores, senhoras, escravos”, pp.101-155.

#### *Leituras recomendadas*

Lao-Montes, Agustin. “Hilos descoloniales. Trans-localizando los espacios de la diáspora africana”. In: *Tábula Rasa*. Bogotá-Colombia, nº7:47-79, julio-didciembre 2007,pp. 47-79. < 32p.>

Du Bois, William Edward B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro, Lacerda Ed., 1999. <A dupla consciência>.

### **9ª sessão (6ª feira, 23/10/2020): A Colonialidade do Pensamento Econômico**

A Economia Política nasce nos marcos do paradigma eurocêntrico das ciências sociais. A ideia de uma evolução que chega a seu estágio superior com a Europa aparece na ideia central do Mercado,

entendido como o conjunto de relações sociais no qual a procura do interesse individual levaria ao maior bem-estar social. Esta sessão irá discutir a colonialidade do saber na ciência econômica através de duas perspectivas. De um lado, através de uma apropriação do debate sobre eurocentrismo/economicismo da Economia Política, a partir de três autores críticos de origens e escolas diferentes: Polanyi, Wood e Lander. De outro lado, através da leitura das tentativas de ruptura com o eurocentrismo/economicismo em dois autores latino-americanos do século XX: Mariategui e Prebisch.

#### *Leituras obrigatórias*

Lander, E. Marxismo, eurocentrismo e colonialismo. In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

Mariategui, J. C. O Problema do Índio. In: Os sete ensaios de interpretação da realidade peruana, 1928.

Polanyi, K. A falácia economicista. In: A subsistência do homem e ensaios correlatos. RJ: Contraponto, 2012.

Prebisch, R. Manifesto latino-americano, 1949. (Seções I a IV, p 1-15)

Wood, E. A separação entre o “econômico” e o “político” no capitalismo. In: Democracia contra o capitalismo. SP: Boitempo, 2011.

#### *Leituras recomendadas*

García Linera, A. “¿Es el Manifiesto comunista un arcaísmo político, un recuerdo literario? Cuatro tesis sobre su actualidad histórica” (1999). In: La Potencia Plebeya: acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso, 2009.

Graeber, D. Debt: The first 5.000 years. Melville House Publishing, 2011. (Cap. 1 e 2. versão em espanhol y português disponible)

Marx, K. Introdução à Crítica da Economia Política (1852).

Marx, K. O Capital: crítica à Economia Política.

Oliveira, F. D. Crítica à razão dualista / O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003 [1973]. Caps. 1 e 2.

Polanyi, K. Os dois significados de econômico, Nossa obsoleta mentalidade de mercado. In: A subsistência do homem e ensaios correlatos. RJ: Contraponto, 2012.

Smith, A. A origem e natureza da Riqueza das Nações.

### **10ª sessão (6ª feira, 30/10/2020): O Pensamento Cepalino, as Teorias da Dependência e a Questão Urbana Latino-americana**

Em 1959 a CEPAL organizou um seminário sobre urbanização, cujos informes foram sistematizados por Hauser (1961). Em 1968, no seu boletim econômico, voltou ao tema, atualizando seu quadro conceitual geral e identificando os problemas da investigação sobre o urbano no continente. No mesmo ano, Quijano publica o texto-base para o entendimento da urbanização na chave teórica da dependência, sendo criticado por Singer (1973). Importante notar que Castells

(1973) propõe o conceito de urbanização dependente, que em Quijano (1968) aparece somente como vocábulo. A sessão pretende examinar os avanços e limites destes esforços de pensar as especificidades da urbanização e questão urbana latino-americanas.

*Leituras obrigatórias*

Becerril-Pardua, Martin. Contribuciones de la CEPAL en los estudios del fenómeno urbano-metropolitano, 1950-1990 in: Revista de Estudios Regionales N° 70 (2004), PP. 149-172 (2004)

Castells, Manuel. La Urbanizacion Dependiente de America Latina in: Imperialismo y urbanización en America Latina. Barcelona: Gustavo Gili, 1973

Quijano, Anibal. “Dependencia, cambio social y urbanización em Latinoamérica. Buenos Aires: CLACSO. In Quijano, Anibal. Cuestiones y Horizontes: de la dependência histórico-estrutural a la colonialidad/descolonialidad del saber. Buenos Aires, CLACSO, 2014 (1968), pp. 75-124.

Singer, Paul. Urbanização, Dependência e Marginalidade na América Latina in: Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1973, pp. 63-90.

*Leituras recomendadas*

ONU/CEPAL. “Informe del Seminario sobre problemas de urbanización em América Latina. Santiago, 1959, pp. 85-99

**11ª sessão (06/11/2020): A colonialidade do pensamento arquitetônico/urbanístico I**

A continuidade das formas coloniais de dominação, manifesta-se no pensamento arquitetônico-urbanismo pela criação e circulação de produtos culturais relacionados às representações de cidade e intervenções sobre o ambiente construído. Formas culturais desenraizadas, resultantes da universalização de categorias de percepção, julgamento e ação próprias do centro, afirmam estruturas e legitimam relações de dominação. Discutem-se três manifestações de renovação da colonialidade no urbanismo no Brasil: a Reforma Pereira Passos, a criação de Brasília e a renovação do urbanismo no Rio de Janeiro a partir de 1993.

*Leituras obrigatórias*

JAJAMOVICH, Guillermo. Miradas sobre intercambios internacionales y circulación internacional de ideas y modelos urbanos. Andamios, México, v. 10, n. 22, p. 91-111, agosto 2013.

SÁNCHEZ F. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Front Cover. Fernanda Sánchez. Argos, Editora Universitária, 2003.

*Leituras recomendadas*

BENCHIMOL, J. L.. Pereira Passos; um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX. 1º. ed. RIO DE JANEIRO: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES, DIVISÃO DE EDITORAÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA V. 11, 1990.

DURAND, J. C. Negociação política e renovação arquitetônica: Le Corbusier no Brasil. RBCS, nº 16 ano 6, 1991.

KING, A, D, Spaces of global cultures: architecture, urbanism, identity/ Anthony Douglas King. London, Routledge, 2004 (cap. 4).

PATEL S. A Decolonial Lens on Cities and Urbanisms: Reflections on the System of Petty Production in India. Asia Research Institute Working Paper Series N° 245.

**12ª sessão (13/11/2020): A colonialidade do pensamento arquitetônico/urbanístico II**

**13ª sessão (27/11/2020): A colonialidade do pensamento arquitetônico/urbanístico III**

**14ª sessão (6ª feira, 04/12/2020): Cidades e urbanismos periféricos (ou do Sul)**

Desde o início dos anos 2000, estudos sobre cidades africanas e asiáticas têm provocado de maneira propositiva, e sob uma perspectiva pós-colonial e pós-estruturalista, uma mudança no centro de gravidade epistemológico de análises mais tradicionais, distópicas e catastrofistas, das outrora cidades do terceiro mundo. Essa sessão propõe que nos aproximemos desses estudos, para uma reflexão relacional que nos ajude a pensar a cidade brasileira, latino-americana e outros urbanismos periféricos.

*Leituras obrigatórias*

Simone, AbdouMaliq. For the City Yet to Come: Remaking Urban Life in Africa. Centre of Contemporary Culture of Barcelona 2003 Conference lectured at the cycle “Mapping Africa”. CCCB, 17 February 2003.

Pieterse, Edgar. Grasping the unknowable: coming to grips with African urbanisms, Social Dynamics: A journal of African studies, 37:1, 5-23, 2011.

Myers, Garth. African Cities: Alternative visions of urban theory and practice. London: Zed Books, 2011. Chapter one: What if the Postmetropolis is Lusaka? (p. 21-42)

Goh, Daniel PS. “Singapore, the State, and Decolonial Spatiality.” Cultural Dynamics, vol. 27, no. 2, pp. 215–226, 2015.

Patel, S. A Decolonial Lens on Cities and Urbanisms: Reflections on the System of Petty Production in India. Asia Research Institute, Working Paper Series No. 245, 2016.

Bhan, Gautam. “Notes on a Southern Urban Practice.” Environment and Urbanization, vol. 31, no. 2, pp. 639–654, 2019.

*Leituras recomendadas*

Mbembe, A. and S. Nuttall (2004) Writing the world from an African metropolis. Public Culture 16.3, 347–72, 2004.

Robinson, Jennifer. Ordinary Cities: Between Modernity and Development. London: Routledge, 2006 (Intro, Chapters 4 and 5)

Roy, Ananya. ‘Slumdog Cities: Rethinking Subaltern Urbanism’, International Journal of Urban and Regional Research, 35, 223–38, 2011.

Parnell, S., & Pieterse, E. Translational Global Praxis: Rethinking Methods and Modes of African Urban Research. *International Journal of Urban and Regional Research*, 40(1), 236-246, 2015

Simone, A. Urbanity and Generic Blackness. *Theory, Culture & Society*, 33(7-8), 183-203, 2016.

**15ª sessão (6ª feira, 11/12/2020): O que o pensamento crítico decolonial tem a contribuir para um pensamento urbano na periferia e no centro?**

Debate final e avaliação do curso.